**A INFÂNCIA INDÍGENA E A EXPLORAÇÃO MATEMÁTICA NAS BRINCADEIRAS**

Fernando Schlindwein Santino

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

fernando.santino@estudante.ufscar.br

Klinger Teodoro Ciríaco

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

klinger.ciriaco@ufscar.br

O presente trabalho, parte de uma tese de doutorado em desenvolvimento, encontra-se vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A pesquisa em curso é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo no: 2022/09965-8.

Objetivamos, com o estudo, compreender e analisar como as aplicações e implicações de uma experiência de formação continuada com professoras (não indígenas) da Educação Infantil (pré-escola) contribui para a exploração matemática, em uma perspectiva de currículo intercultural, a partir da incorporação de brincadeiras culturais indígenas nas vivências com as crianças do município de Japorã, interior do estado Mato Grosso do Sul (MS). O MS tem a segunda maior população indígena brasileira e a presença dos povos originários torna-se cada vez mais frequente nas regiões urbanas, tendo em vista o movimento migratório.

A tese defendida parte da hipótese das brincadeiras como forma de valorização e recriação das experiências infantis e, portanto, de que estas constituem-se fonte rica e promissora de exploração da linguagem matemática, justamente porque de acordo com a literatura especializada na temática (SMOLE, 2003) brincar é tão importante para a criança quanto o trabalho é para o adulto. Nesta leitura interpretativa, as brincadeiras infantis em Matemática é uma fonte importante para a exploração de noções numéricas, espaciais, de medidas, de estatística e probabilidade.

 Assim, pela possibilidade de trazer elementos e brincadeiras que fazem parte do patrimônio histórico-cultural de nossa sociedade, acreditamos que a brincadeira infantil indígena pode ser uma forma de inclusão e valorização da cultura em um processo híbrido, em que não existe aculturação.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa[[1]](#footnote-1) (GIL, 2008), de caráter descritivo-analítico, a ser desenvolvida no contexto de um grupo de estudos de características colaborativas. Além dos encontros com os(as) docentes, a produção de dados far-se-á ainda por meio de entrevistas de modo a levantar indicadores para (re)pensar a dinâmica do trabalho pedagógico, avaliando e compreendendo aprendizagens e os encaminhamentos acerca da experiência constituída.

Em termos de perspectivas futuras, acreditamos que levantaremos indicadores de como uma formação continuada pode contribuir para repensar a construção de um currículo intercultural (WALSH, 2009) com base nas interações e na brincadeira. Tal currículo, junto às práticas pedagógicas das professoras, contribuirão para a inclusão/interação das crianças indígenas em situações de natureza matemática pensadas para a Educação Infantil, proporcionando o direito à Educação de qualidade para todos, respeitando a cultura e todas as infâncias, como previsto em lei e amparado na literatura da área.

**REFERÊNCIAS**

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **A Matemática na Educação Infantil**: a teoria das inteligências múltiplas na prática escolar. Porto Alegre:Artmed, 2003.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. (Ampliación de la ponencia presentada en el Seminario “Interculturalidad y Educación Intercultural”), organizado por el **Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello**, La Paz. 2009.

1. Projeto aprovado pelo Comitê de Ética, sob o CAAE: 65320622.7.0000.5504. Parecer No.: 5882741 [↑](#footnote-ref-1)